

TERMINOLOGIA GEOGRÁFICA *

- QUERÊNCIA** — Paradeiro, logradouro, lugar onde habitualmente o gado pasta, ou onde foi criado. Este termo muito usado no sul do Continente, é neologismo entre nós (V C M)
- QUIRIRI** — Calada noturna. Aparente silêncio da natureza. Ilusão acústica. Imperceptível borborinho de vozes de insetos, cujo som, aos nossos sentidos, parece mudo. Expressão onomatopáica talvez dos grilos, das cigarras dos besouros, a zunir ao longe, e que o íncola traduz numa palavra estridulada. (R M)
- RABO-DE-MARÉ** — Fenômeno idêntico à pororoca, o qual se observa na costa do Atlântico, desde o cabo Norte até Caiena. Etim. E' a tradução dada pelos pescadores vigienses ao francês *raz-de-marée* (V C M)
- REBOJO** — Veloz correnteza de água em sorvedouro ou remoinho, comumente devida a diferença de nível do leito do rio ou pedras ou troncos existentes nos alvéos. Assaz perigoso, por vèzes, à navegação. Remoinho de águas movido pelo encontro das mesmas e característico, por exemplo, na confluência dos rios Solimões e Negro (A A M)
- REBOQUE** — Montaria rebocada pelos barcos a vela que trafegam na contracosta paraense conduzindo gado de Marajó. Pequena embarcação destinada às manobras de atracação do veleiro, como dar uma *espia pra terra*; *ligar um cabo de vai-vem*; ou, ainda, fazer o serviço dos tripulantes (R M)
- RÊDE** — Certo número de gado manso, que nas apartações, nas coações, ou na condução de boiadas, serve para conter e agrupar o gado malhadeiro, o qual sem a *rêde*, não pára, querendo constantemente fugir, ou voltar à malhada. Equivale ao *sinuêlo* dos gaúchos (V C M)
- REGATÃO** — Tipo característico do comércio ambulante na rêde fluvial da Amazônia, verdadeiro teque-teque aquático a conduzir no bôjo de suas embarcações toneladas de mercadorias destinadas à troca onzenária com os produtos da região. O turco e o sírio imperaram nêle. Hoje, devido à depreciação econômica dêsses produtos e taxações pesadas do fisco, o regatão (embarcação), o regateio e o regateador quase desabarcaram. Essa embarcação é maior do que uma igarité, tolda corrida, tendo a ré compartimento fechado. Movimentada a remos compridos. (A A M)
- Embarcação de comércio ambulante. Galeota maior que a igarité de tolda corrida com um compartimento fechado à pôpa. É tirada a remo de faia por dois tripulantes. Propriedade hoje do turco, já o foi do hebreu e do português. Trafega em tôda a Amazônia, vendendo artigos de estiva e artigos de armarinho. Há, no seu bôjo, desde o jabá, a conserva, a farinha, o feijão, o sal até a conta, ao pente, ao brinco, à sêda, ao anel. Chamam indiferentemente de regatão ao dono e à galeota (R M)
- RÊGO** — Os arroios alimentados por água chuvediga, começam nas baixas, enquanto serpenteiam pelo campo a descoberto, se estreitos e rasos secam no verão, tomam o nome de regos. Quando principiam a ser sombreados por arvoredo marginal, tomam a denominação de igarapés. No rigor do período estival secam as *baixas* e os *regos*, ficando sômente os igarapés no seu curso superior, com a água das marés na preamar e secos na baixa-mar. Nos campos do Marajó não existem nascentes d'água perene como erradamente informaram ao professor OVILLE DERBY (*A ilha de Marajó*, pelo professor ORVILLE DERBY, *Boletim do Museu Goeldi*, Vol II, pág 170) (V C M.)
- REMANSO** — Caudal que junto à margem dirige-se para cima, i é , em sentido contrário à correnteza do rio. Muito comum na Amazônia, e por vèzes em tão apreciável extensão, que as embarcações aproveitam-no para a viagem de subida (A A M)
- REPIQUÊTE** — Sinal de enchente, acima do estuário amazônico, onde não predomina mais a força da maré atlântica. Primeiras manifestações anuais das cheias. Enxurrada. Lençóis turvos, de linfa. Água nova que invade a água transparente, quieta, manchando de placas barrentas a toalha líquida. (R M.)
- REPONTA** — O começo da enchente da maré ou fluxo (V C M.)
- RESTINGA** — Estreita orla de mato abeirando qualquer igarapé ou rio. Faixa de mato à beira do rio que, com as grandes marés ou com as cheias do inverno, emerge quando o resto do terreno acha-se sob a água (V.C M)
- RIBANCEIRA** — Talude à margem do rio. Terra escarpada, nua, talhada a pique na orla dos cursos d'água (R M)

* Continuação do número anterior

- RODEIO** — Agrupamento do gado em determinado lugar para inspeção sanitária ou sua marcação (A A M)
- Fechação, rodeiador, ato de reunir o gado Sin *Rodeio, rodeiador, fechação Rodeio e fechação*, são perfeitamente sinônimos, o primeiro empregado pelos fazendeiros mais cultos, e o segundo pelos demais e pelo pessoal subalterno É o ato de reunir o gado num ponto, na malhada quase sempre *Rodeador* é também isso com a idéia do lugar. Exemplo “No rodeiador é que se pode coar o gado sem prejuízo” “Onde é o rodeiador? Na malhada da Pomba-Gostosa” Dar rodeador é sinônimo de dar apartação reunir o gado próprio para que os vizinhos possam separar o que lhes pertence e que abandonou a querência (V. C M)
- ROÇA** — Plantação de cereais, tubérculos ou quaisquer outros vegetais de cultura habitual em floresta derrubada e queimada Roça de mandioca, de milho, etc Lugar fora dos povoados importantes (V C M)
- ROCINHA** — Habitação nos arredores de Belém Casa fora da cidade, espécie de quinta, toda rodeada de pomar Moradia antiga da gente rica do Pará Vai caindo em desuso essa designação, substituída agora por vila, *bungalow*, retiro (R M)
- SACADO** — Corte que a corrente fez para abreviar o curso do rio Seccionamento de uma península fluvial pelo istmo O caudal, depois de passar num ponto, dá uma, duas, três voltas e vem passar, em sentido contrário, renteando a mesma margem Quando sucede fazer-se enseada nos dois lados do istmo, a água corroe, fura a terra, abandona o caminho velho, que fica morto como um lago, e abre passagem nova Em geral os rios de mais sacados são os de água preta, de menor velocidade O Pauini, afluente do Purus, parece conter o maior número, segundo observação direta do autor (R M)
- SALÃO** — Tabatinga escorregada dos barrancos e que forma junto das ribanceiras, uma segunda mesa telútica e que só descobre no verão Às vezes os “gaiolas” atacam em certos portos, com o rio vazando, e quando querem largar estão encalhados no “salão”, ficando detidos durante a seca É comum no fim das voltas rápidas do Acre, onde se quebram as palhetas da hélice que nêles tocam (R M)
- SAMBAQUI** — Colina de carapaças de moluscos Monte de conchas Despôjo da cozinha selvagem Mais conhecido na Amazônia por mina de *semambi*, é donde se tira a matéria prima com que se fabrica a cal nas caieiras da Planície (R M)
- SANGRIA** — Corte feito em tronco de seringueiras (Hévea), no começo do “fabrico” ou safra, para acostumar a árvore, sangria que varia em número com a idade da mesma No rio Juruá não era aproveitada a seiva latescente da sangria Processo abandonado (A A M)
- SARARACA** — Flecha emplumada tendo na extremidade um “bico” fortemente encastado em pequeno tórno de madeira onde está a abertura de feição circular ajustando o virote da flecha Este desloca-se, quando a tartaruga fígada ou arpoada movimenta-se e principia a mergulhar O bico no animal cravado, fica preso à flecha por fino e extenso cordel, que depois será colhido e com êle a tartaruga A *sararaca* para apanhar os grandes peixes não tem penas, o cordel é mais curto e o bico farpado Tem assim a sararaca a haste emplumada ou não, a *suumba*, furo da flecha, está quase sempre de pracuuba, o virote, móvel e encaixado no extremo da suumba, em que fica enrolado resistente e fino cordel, que se desenrola quando o animal é fígado pelo virote Do tupi-guarani *sara* desatar, desenrolar a corda, *ra* frequentativo. (A A M)
- SERINGAL** — Vasta extensão de matas onde existem numerosas seringueiras (Hévea) A casa de morada do proprietário, o “barracão”, situado quase sempre perto da margem fica próximo das “baiancas”, residência de empregados e de seringueiros, e nelas destaca-se a maior, sede ou depósito de mercadorias e materiais, o “depósito” De ordinário em local pouco distante, o campo para os animais Na margem e em ponto apropriado, o ponto de atracação, com o fundeadouro e indispensável amarração das embarcações miúdas Assim é a sede de um seringal organizado Dela partem as estradas para o centro, cheias de piques (veredas) para o trânsito do pessoal, i é, os seringueiros, que são os braços em atividade constante, e o “mateiro” e o “toqueiro” para descobrir as boas “madeiras”, e assim incumbidos de abrir novas estradas e piques Chamam o dono do seringal “patrão” Os seringais podem ser marginais e centrais (A A M)